

JUNHO 2024 - NÚMERO 03

Cemitérios de Lisboa



BOLETIM CULTURAL DOS
CEMITÉRIOS DE LISBOA



JP n.º6669 do Cemitério do Alto de S. João

EDITORIAL

Os últimos meses têm sido marcados pelo crescimento das parcerias que estabelecemos com outras entidades da Câmara Municipal de Lisboa ou com entidades externas.

Um dos projetos realizados com a Hemeroteca Municipal foi a realização da visita *Falar de Abril no Alto de São João*, enquadrada nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril.

A convite do Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL) participámos no podcast *Aqui há Romanos* e mais tarde solicitámos a colaboração do Laboratório de Conservação Restauro do CAL para a recuperação da espada cerimonial encontrada no Jazigo do Conde das Antas, espada essa que será incluída no futuro Núcleo Museológico dos Cemitérios de Lisboa.

No seguimento da integração na Association of Significant Cemeteries of Europe, que gere a Rota Europeia dos Cemitérios, participámos numa reunião com os representantes e membros das rotas nacionais integradas nos Itinerários Culturais do Conselho de Europa.

Nas habituais rubricas, falamos sobre a Coruja em *Simbologia*, destacamos o Jazigo Particular n.º299 do Cemitério de Benfica em *Monumentos Sepulchraes*, em *Echos do Passado* relembramos os cemitérios em 1920. Valeria Celsi, guia turística em Milão, é a entrevistada deste número. Na rubrica *Pedras e Obras*, continuamos a apresentar os resultados da empreitada de recuperação de jazigos que se encontram a cargo da Câmara Municipal de Lisboa, desta vez realçando parte do trabalho realizado no Cemitério dos Prazeres.

No artigo de fundo pretende-se dar a conhecer aqueles que são hoje os destinos possíveis após a morte em Portugal, conhecer os desenvolvimentos tecnológicos e opções noutros locais do mundo e talvez, para alguns, iniciar a reflexão sobre este tema.

SARA GONÇALVES

Envie-nos as suas sugestões e contribuições para cemiterios@cm-lisboa.pt



JP n.º1382/1442 do Cemitério dos Prazeres

SIMBOLOGIA: CORUJA

As aves têm sido consideradas, através dos tempos e em várias culturas, um elo de ligação entre o céu e a terra, entre o mundo sagrado e o mundo terreno. A leveza da ave que voa, simboliza a alma que é libertada no momento da morte.

Corujas e mochos são uma representação comum utilizada simbolicamente em diversas tradições, desde tempos imemoriais.

Nalgumas culturas da Antiguidade há uma diferença entre a simbologia representada pelas duas aves. O mocho está mais associado à tristeza, à punição e à morte, como no conto celta, *Mabinogi de Math*, em que a mulher que foi infiel ao marido é castigada ao ser transformada em mocho. No entanto, para os Celtas, a coruja surge na noite de 31 de Outubro para 1 de Novembro, na véspera do Dia de Todos os Santos, como símbolo da *Deusa-Mãe* na sua fase de velhice e como tal mais próxima da morte.

No antigo Egipto, representava o barco de *Ra*, o deus sol que mergulhava nas águas, para dar lugar ao cair da noite. Simbolizava, ainda, o frio, as trevas e a morte. Na Babilónia, o piar da coruja era o som emitido pelos fantasmas das mães que morriam de parto, a chamar os seus filhos.



JP n.º3442 do
Cemitério dos Prazeres

Πουλί (poulí), a palavra grega para ave é também sinónimo de presságio ou de mensagem do céu. Para os gregos, os seres alados em geral eram mensageiros dos deuses e portadores de presságios. O mocho simbolizava a melancolia, a tristeza e a escuridão.

Na mitologia grega é o mocho que interpreta os desígnios de *Atropos*, a que corta o fio da vida, uma das três parcas que traçam o destino dos humanos. Por outro lado, a coruja é um dos atributos da deusa grega da sabedoria e do conhecimento, *Atena* e aparece representada na sua companhia. O mesmo acontece com a deusa *Minerva* na mitologia romana.



Tetradracma moeda de prata ateniense (c 480-420 a.C.) com a coruja de Atena e designada popularmente por glaukes ou seja coruja.

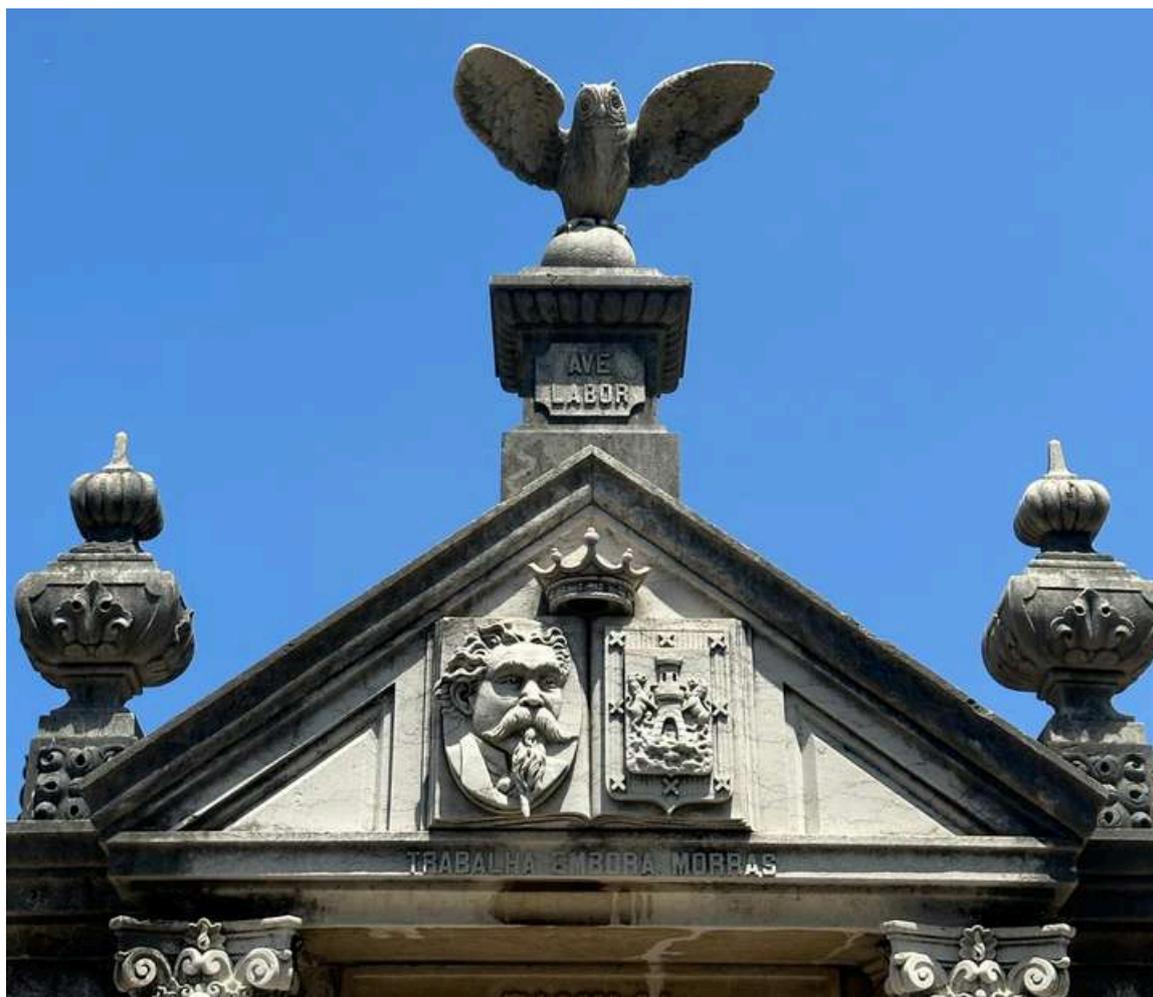
Museu do Dinheiro, Lisboa.

Na iconografia tumular encontramos esculturas da coruja ou do mocho como guardiãs dos defuntos, como guias na passagem do mundo da escuridão, ou seja, a passagem para o além, para a ressurreição e para a luz.

Estas aves aparecem muitas vezes associadas a símbolos ou objectos, como a pena que nos remete para a escrita, o globo terrestre, um livro, simbolizando, assim o conhecimento ou a profissão do defunto, professor, por exemplo. Quando segura uma balança é uma alusão ao juízo final.

Geralmente, a figura de uma coruja ou mocho, esculpida num jazigo ou sepultura, significa que a pessoa ou pessoas inumadas eram cultas ou eruditas.

E. C.



JP n.º3346 do Cemitério do Alto de S. João

Bibliografia

- ÁVILA, Pablo Martín, *Símbolos religiosos*, Didáctica Editora, 2013.
- BUDGE, E. A. Wallis, *O Livro dos Mortos do Antigo Egito*, S. Pauli, Madras, 2021.
- CHALINE, Eric, *Símbolos do oculto*, Editora Penguin, 2021.
- CHETWYND, Tom, *Dicionário dos Mitos Sagrados*, Lisboa, Planeta Editora, 2004.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, Lisboa, Teorema, 2010.
- ELIAS, Fátima, *La Voz de los Muertos: guía de símbolos olvidados de los cementerios*, Madrid, Reino de Cordelia, 2019.
- Grande Enciclopédia Luso-Brasileira*, Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1945.
- KEISTER, Douglas, *Stories in stone*, Giggs Smith, 2004.
- OWEN, John and others, *The Encyclopedia of Birds*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2007.
- RABAÇA, João E., *As Aves do jardim Gulbenkian*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.
- WALKER, Bárbara G., *Dicionário dos símbolos e objectos sagrados da mulher*, Lisboa, Planeta Editora, 2002.
- TRESIDDER, Jack, *Os Símbolos e o seu significado*, Círculo de Leitores, 2000.

NOTÍCIA

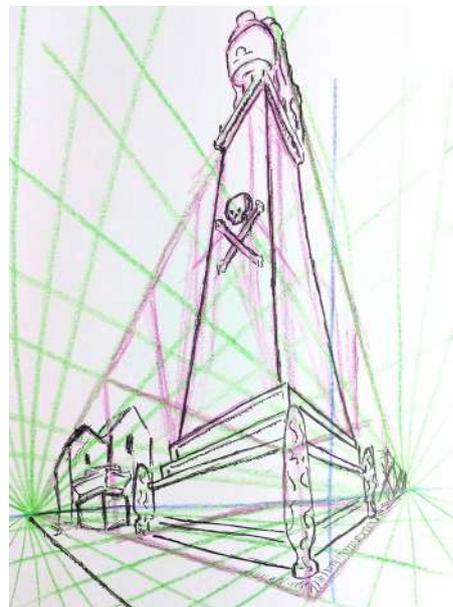
AULA DE DESENHO DE OBSERVAÇÃO NO CEMITÉRIO DO ALTO DE SÃO JOÃO

No dia 31 de Outubro de 2023, o Cemitério do Alto de São João recebeu uma turma da licenciatura de Artes visuais e Tecnologias da Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx).

Acompanhados pela Prof.^a Inês Garcia, o grupo de alunos esteve a desenhar para a disciplina de Desenho de Observação, resultando num conjunto de interessantes trabalhos.



Iris Guedes



Paulo Sérgio



Henrique Silva



Sara Ferreira

MONUMENTOS SEPULCHRAES EM REVISTA*

Jazigo N.º 299 - Cemitério de Benfica

Encontra-se localizado na secção n.º1 das sepulturas perpétuas do Cemitério de Benfica.

Trata-se de um jazigo capela ossário que foi erguido num terreno de 2,00m de frente por 1,15m de frente a fundo, ocupando uma superfície de 2,30m. Foi adquirido pelos irmãos Duarte Henriques (Leonídio e Leopoldo), em 1957, pela quantia de 600\$00, para panteão da sua família, tendo sido dedicado à sua mãe D. Alice Pereira Duarte Henriques, conforme epitáfio nele existente.

Esta obra fúnebre foi encomendada ao arquiteto n.º130 - Luís Bevilácqua Nunes Cartaxo¹ e ao construtor funerário n.º75 - Augusto Jorge Núncio², inscrito como construtor funerário na Câmara Municipal de Lisboa desde 1941.

Na memória descritiva datada de 15 de Abril de 1957, encontramos a seguinte descrição: «O jazigo será em pedra clara da região de Pero Pinheiro, abujardada exteriormente e brunida interiormente. (...)

A execução e acabamento dos elementos escultóricos será executada com esmero. A porta será de ferro pintado em tons de escuro. A fresta disporá por dentro de vidro translúcido. No nicho situado na fachada posterior será colocado vidro tipo cathedral ou martelado. As letras do epitáfio serão gravadas nas zonas indicadas nos desenhos. A grade será de ferro pintada em tons escuros.»³



JP n.º299 do Cemitério de Benfica

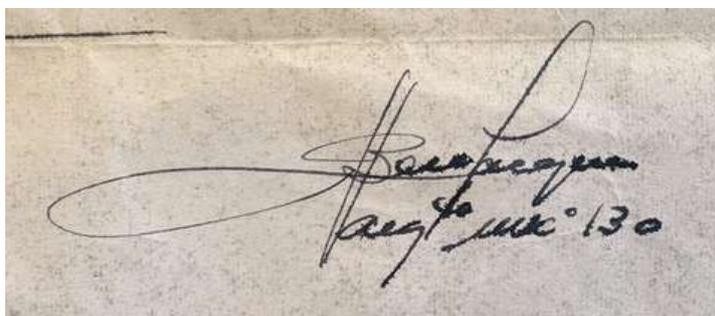


Em 1948, Luís Bevilácqua Nunes Cartaxo (1913-1986), enquanto estudante, participou no 1º Congresso Nacional de Arquitetura que viria a “revolucionar” o estatuto do arquiteto. Em 1951 foi diplomado pela Escola de Belas Artes de Lisboa. Bevilácqua foi braço direito do famoso arquiteto modernista Cassiano Branco (1897-1970), tendo colaborado com o mesmo em inúmeros trabalhos, nomeadamente em casas de “habitação multifamiliar” como é o caso do n.º55 da Rua de Campolide.

No entanto, foi no projeto de arquitetura concebido de raiz entre 1954-1956, no piso térreo do antigo Palácio dos Condes de Povolide, no n.º 110 das Rua das Portas de Santo Antão, que Luís Bevilácqua projetou com o seu «superior traço»⁴ e contou com a colaboração dos seus «assíduos colaboradores os Senhores Botelho de Sousa e Curado»⁵ aquela que por iniciativa dos irmãos galegos António e Manuel Paramés Gonçalves, viria a ser a «maior e melhor marisqueira do país»⁶: a Solmar. Em 2019 este estabelecimento foi reconhecido como Monumento de Interesse Público e como Património Móvel Integrado da cidade de Lisboa.

Deu continuidade ao estilo modernista e muito marcado pela Art Déco de Cassiano Branco que, na década de 50 do século XX, foi um estilo muito representativo em Portugal.

Foi o autor de inúmeros jazigos de inspiração modernista que se encontram semeados por vários cemitérios de Lisboa (Prazeres, Alto S. João, Benfica, Olivais).


 A close-up photograph of a handwritten signature in black ink on aged, slightly textured paper. The signature is highly stylized and cursive, with large loops and flourishes. Below the main signature, there is a date written in a similar cursive hand: "Ago 13 1930".

Assinatura do arquitecto no processo

O Jazigo Particular n.º 299 possui uma tipologia de capela, tendo sido projetado dentro dos requisitos exigidos pela gramática modernista, esteticamente apresenta uma fachada ornamentada ao estilo Art Déco, composta por duas figuras femininas em baixo-relevo.



Trata-se de duas alegorias, que simbolicamente representam a Esperança e a Dor, o sofrimento de ter perdido um ente-querido. Ambas seguram uma cruz de grandes dimensões que assenta por cima do arco ogival da porta. Este símbolo de carácter religioso caracteriza a redenção do Homem e a fé na vida eterna. A porta em ferro pintada possui um nicho com vidro martelado.

Na parte superior junto do friso e no espaço por cima das figuras femininas, encontra-se em ambos os lados, epitáfios:

À MEMÓRIA DE
ALICE PEREIRA DUARTE
HENRIQUES
DE SEUS FILHOS

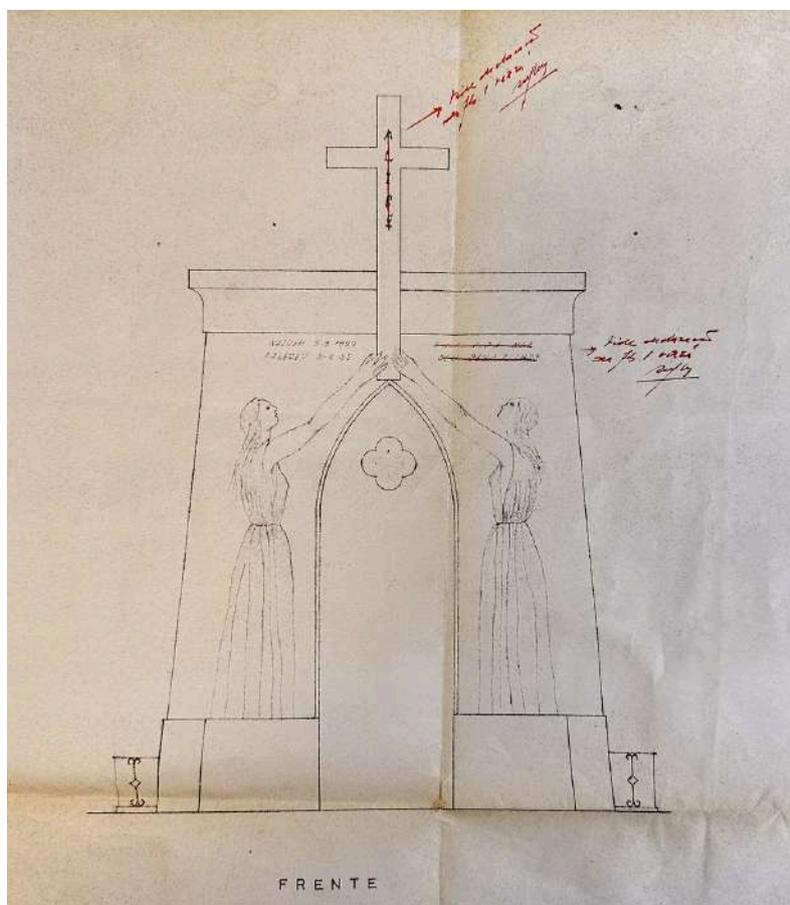
NASCEU A 9/3/1899
FALECEU A 3/4/1952

Todavia, o projeto inicial apresentado à Câmara Municipal de Lisboa pelos seus proprietários foi sujeito a algumas alterações.

Na cruz foi gravada inicialmente o nome ALICE, mas a pedido de um dos proprietários em 1957 foi mandado desgravar.

Em maio do mesmo ano, foi feito num requerimento apresentado pelo construtor funerário e dirigido ao Senhor Presidente da autarquia, um pedido de alteração do 1º epitáfio que anteriormente tinha gravado:

À MEMÓRIA DE ALICE
DE SEUS FILHOS



Desenho do arquitecto

E. R.

1 CARVALHEIRA, Rosendo, "Biografia: Domingos Parente da Silva", *Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMV*. Lisboa: Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1905). Anno I. p. 33.

2 *Loc. cit.*

3 *Loc. cit.*

4 CAMPOS, Alfredo da Costa, "Translação dos restos mortaes do architecto: Domingos Parente da Silva", *Anuario da Sociedade dos Architectos Portuguezes: MCMVIII*. Lisboa: Sociedade dos Architectos Portuguezes. (1908). Anno IV. p. 13.

5 *Loc. cit.*



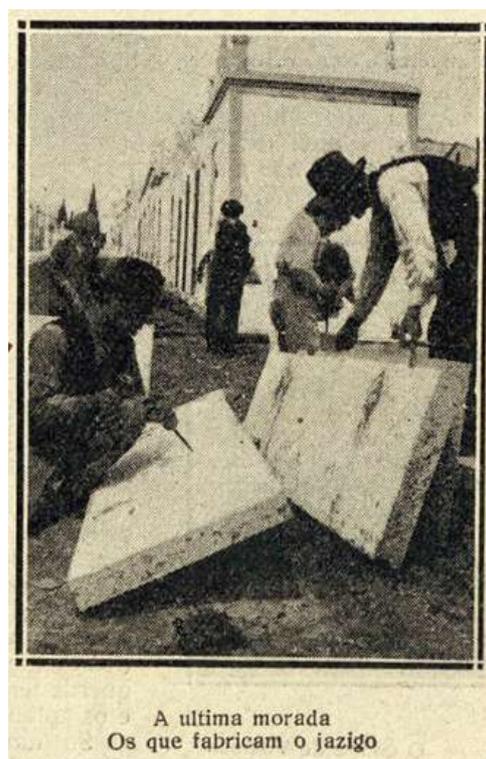
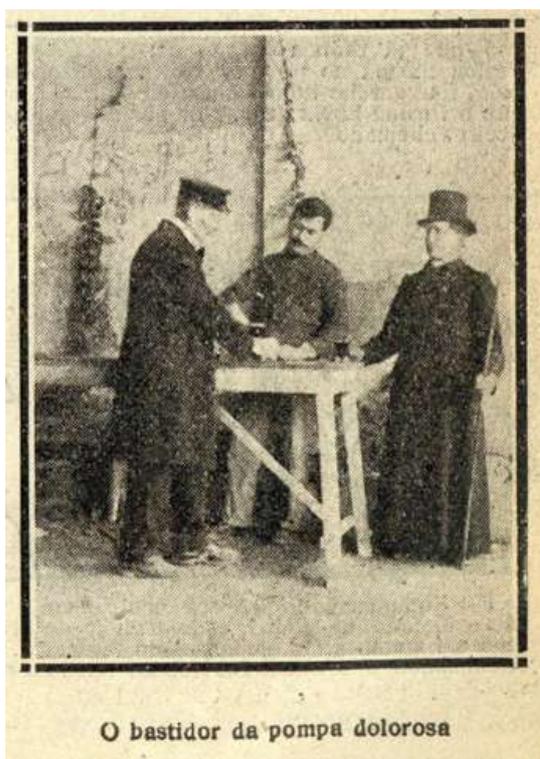
Coroa de flores feita com missangas

ECHOS DO PASSADO: «A MORTE DÁ QUE FAZER À VIDA!»

Dizia o jornalista Arnaldo Pereira num artigo que escreveu para a *Revista ABC* em Junho de 1920, intitulado *Os Que Vivem dos Mortos*. O artigo dedica-se a apresentar um conjunto de profissões que eram críticas para assegurar o cumprimento dos rituais fúnebres no início do século XX, fazendo também algumas considerações sobre os cemitérios e a morte.

Ilustrado com fotografias de cada um dos profissionais, é um fantástico objecto de época, que nos permite analisar e perceber melhor o papel de cada um e que, hoje, nos recupera profissões e designações que já nem existem.

Por exemplo, ao referir a agência funerária, menciona o papel do cangalheiro e o do gato-pingado. Este último, que actualmente é uma expressão utilizada de forma depreciativa para designar um indivíduo considerando de pouca importância, era um profissional que tinha como missão acompanhar a pé os cortejos fúnebres, vestido a rigor e com um círio ou uma tocha na mão: «É uma companhia. É quasi um amigo. (...) o gato-pingado é o poeta dos funerais».



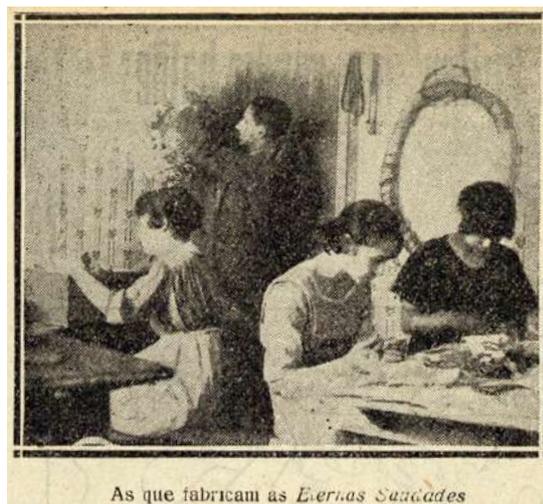
Destaca ainda a importância do caixão - e de quem o faz - dizendo que este «é imprescindível», sendo mesmo «um objecto de primeira necessidade no passamento», permitindo perceber que, apesar de ainda existirem valas comuns por esta altura, não era aceitável o enterramento ser feito só com uma mortalha.

Refere as floristas, considerando as coroas de flores «uma lembrança dos vivos - para os mortos», mas termina como começa, referido o importante papel do coveiro que considera «uma personagem universal», cuja omnipresença em todas as culturas o leva mesmo a dizer que este «fala todas as linguas - e vem de todas as civilizações».

E que diferenças vão encontrar os nossos descendentes daqui a cem anos?



Na terra dos que morrem alimenta-se a vida



As que fabricam as *Everias Saudades*



Como no tempo d'Hamlet

G. M.

Hemeroteca Municipal da Câmara Municipal de Lisboa

Bibliografia

PEREIRA, Arnaldo, "Os Que Vivem dos Mortos", *Revista ABC*, N.º 3, 20 de Julho de 1920, pp.30-31.

VISITAS NOS CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE LISBOA

A Divisão de Gestão Cemiterial disponibiliza um conjunto de visitas orientadas gratuitas, que nos últimos anos tem sido alargado a novas temáticas e cemitérios. Podem ser agendadas para grupos de 8 a 30 participantes.

Alto de São João

Conhecer o Cemitério
Conhecer o Cemitério & Cripta dos Combatentes
Flores de Pedra - simbologia das flores
Lisboa Modernista

Prazeres

A Memória das Palavras - escritores e poetas
Arquitectura Funerária, um caminho diferente
Até que a Morte nos Separe - percurso romântico
Conhecer o Cemitério dos Prazeres
Flores de Pedra - exposição e visita
Figuras Forenses
O Jazigo dos Duques de Palmela
O Lado Soalheiro do Cemitério dos Prazeres (NOVA)
Percurso no Feminino - mulheres famosas
Pessoas em Pessoa - percurso pessoano
Protagonistas da Revolução Liberal de 1820
Simbologia no Cemitério
Último Palco - actores e actrizes
Volta e Notas - músicos

Qual é o mistério? Num cemitério com tanta história! (visita guiada para crianças)

Ajuda

Conhecer o Cemitério & Cripta

Benfica

Conhecer o Cemitério

Lumiar

Conhecer o Cemitério

Olivais

Conhecer o Cemitério

Escolha a visita, reúna um grupo de amigos e contacte-nos através do endereço cemiterios.visitas@cm-lisboa.pt

NOTÍCIA

ITINERÁRIOS CULTURAIS DOS CONSELHOS DA EUROPA

Dia 7 de Novembro de 2023, no auditório do Museu Nacional de Etnologia, em Lisboa, ocorreu a reunião dos Representantes e Parceiros Nacionais dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa.

Organizada pela Direção-Geral do Património Cultural, representante de Portugal no Comité Director dos Itinerários Culturais do Conselho da Europa, contou com a presença de representantes e membros das rotas nacionais integradas nos Itinerários Culturais do Conselho de Europa, assim como o Turismo de Portugal, IP e o Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais.



Fotografias de Arlindo Homem

Foi apresentando o plano de actividades das várias rotas presentes e discutidas hipóteses de financiamento e mecenato cultural.

A Divisão de Gestão Cemiterial da Câmara Municipal de Lisboa esteve presente enquanto membro da Rota dos Cemitérios Europeus, gerida pela Associação dos Cemitérios Significantes da Europa (ASCE).

NOTÍCIA

“P'ARTE: RECOLHAS POÉTICA” COM NÚMERO DEDICADO À TAFÓFILIA

No dia 7 de Dezembro de 2023, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, decorreu a apresentação do quarto número da revista *P'ARTE: recolhas poéticas* que, para este volume, recolheu ilustrações, fotografias e contos além dos seus habituais poemas. Este número, inteiramente dedicado à tafofilia – gosto ou atracção por cemitérios – foi organizado por Alexis F. Viegas e Patrícia Sá e contou com a parceria da *Fábrica do Terror*.

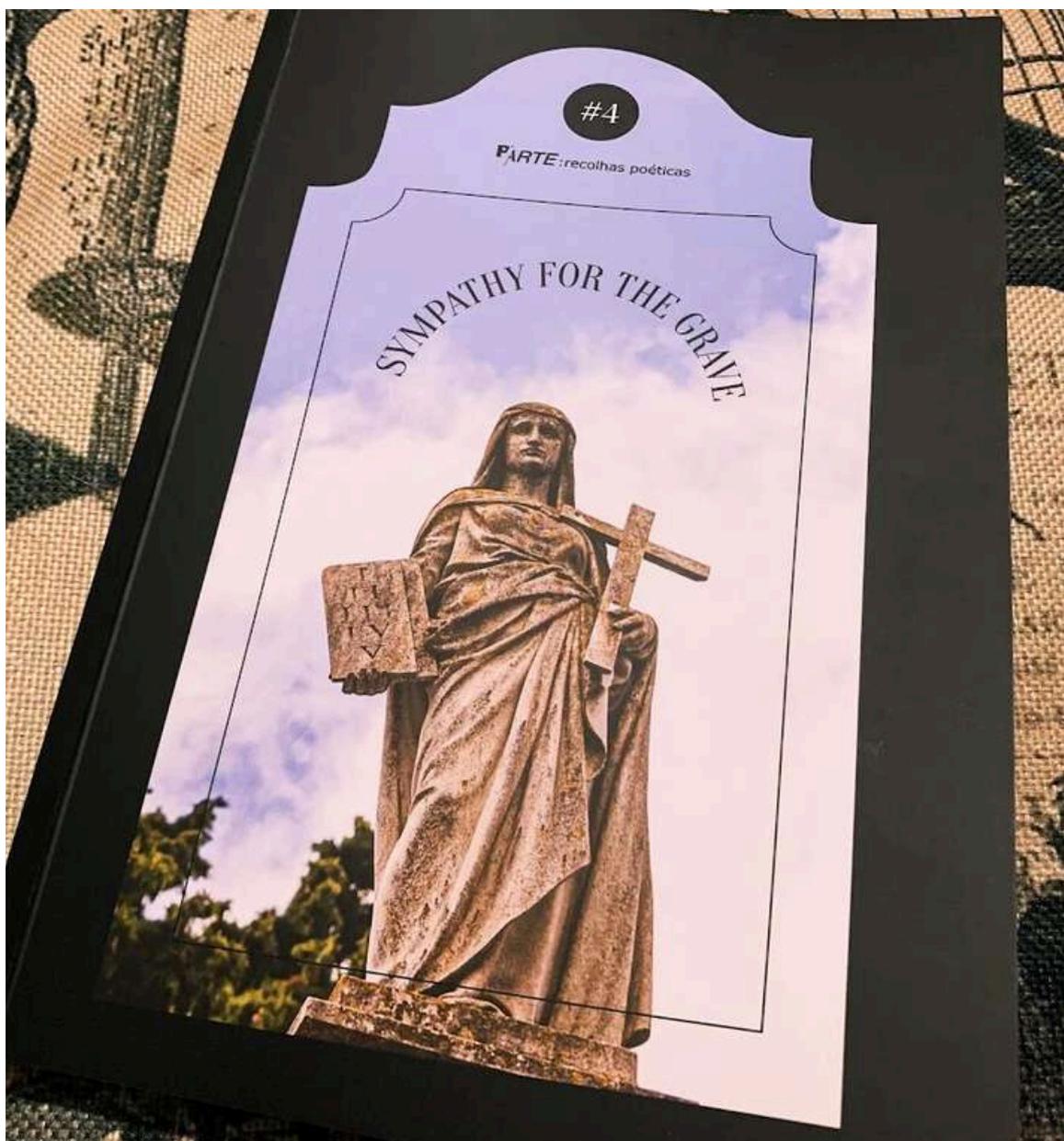
Com o evocativo título de *Sympathy For The Grave* este número da revista conta com uma edição dupla, apresentando-se numa versão em papel e numa versão digital (à qual podem aceder através desta ligação).

A sessão de apresentação contou com o painel *A Tafofilia entre a Arte e a Investigação*, com a moderação dos organizadores Alexis F. Viegas e Patrícia Sá e com a participação de Gisela Monteiro (DGC) e Francisca Alvarenga (CEComp-FLUL), seguido de uma sessão de cinema com o filme *A Noiva Cadáver* (2005).



As investigadoras presentes no painel participaram também na edição: Gisela Monteiro foi responsável pelo prefácio intitulado *Tafofilia ou a Arte de Amar a Morte* e Francisca Alvarenga foi responsável pelo artigo *Uma Breve Introdução Aos Estudos Sobre A Morte*.

P'ARTE: recolhas poéticas é uma fanzine do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob a chancela do subgrupo de investigação SYNESTHESIA, integrado no grupo THELEME – Estudos Interartes e Intermedia.



ENTREVISTA

A entrevistada deste Boletim chama-se Valeria Celsi, tem 40 anos, é italiana e guia turística em Milão, cidade onde vive. Aprendeu português quando viveu em Lisboa durante um ano.



Fotografia de Valeria Celsi

Há quanto tempo faz visitas a cemitérios?

Há cerca de 13 anos.

Como surgiu a relação que tem com os cemitérios?

Meu relacionamento nasceu quando em 2011 quando completei um ano de Função Pública Nacional no Cemitério Monumental de Milão. A partir desse momento nasceu o meu interesse não só pela arte funerária, mas também pela própria história da cidade de Milão. A partir desta experiência decidi então obter uma licença de guia turística.

Sabemos que faz visitas em vários cemitérios e na cidade de Milão. Como funcionam as suas visitas?

Desde 2023 comecei também a realizar passeios em outros cemitérios, como o de Staglieno em Gênova ou o Cemitério Monumental em Torino. Este é um trabalho muito entusiasmante para mim porque me permite descobrir novas realidades, mas sobretudo permite-me enriquecer os meus conhecimentos sobre cemitérios, o que também é útil para fazer comparações com a realidade milanesa. Obtenho informação nas publicações existentes sobre aquele cemitério, faço inúmeras investigações, mas os passeios são enriquecidos sobretudo pelas minhas considerações derivadas da minha experiência e do manancial de conhecimentos que agora criei sobre a arte funerária.



E os livros? Como surge a publicação de livros? Como escolhe os temas?

Os temas dos meus livros decorrem dos meus interesses e dos estudos que venho realizando há anos no campo da arte funerária. Por exemplo, o livro *Cosa va di moda al Monumentale? Tendenze fashion nell'Ottocento tra i viali del Cimitero Monumentale di Milano*, sobre moda da Monumentale, nasceu porque durante o meu ano de Função Pública criei um percurso sobre este tema. Visitar um cemitério significa também conhecer os hábitos e costumes das pessoas que “povoam” estes locais.



Fotografia de Valeria Celsi

Onde podemos encontrar os livros à venda?

Os livros na Itália estão disponíveis nas principais livrarias como Mondadori e Feltrinelli, mas também, para quem não mora na Itália, nos principais canais de venda online como Amazon.

Pode falar-nos um pouco da sua relação com Lisboa?

Depois do ano no Monumentale em Milão vivi 6 meses em Lisboa graças ao programa *Leonardo*, um projecto de trabalho europeu para jovens licenciados. Trabalhei na associação *Renovar na Mouraria*, como guia turístico principalmente para italianos e alguns turistas ingleses. Nos momentos livres comecei a passear pelos cemitérios de Lisboa, pelos quais me apaixonei. Agora volto cerca de 2 a 3 vezes por ano a Lisboa. Visitei também muitos outros cemitérios portugueses, como os do Porto, Aveiro, Coimbra e Faro. Há anos participei também num curso de arte funerária portuguesa realizado no Porto pelo Prof. Francisco Queiroz. Esta experiência, tal como a do Monumentale, foi fundamental para mim porque me permitiu conhecer mais sobre Portugal e a cultura portuguesa e deixou-me um dom que ainda é muito importante para mim, a língua portuguesa, que uso quase todos os dias em Milão, trabalhando como guia turístico com grupos brasileiros.



Fotografia de Valeria Celsi

Qual o seu cemitério preferido?

Meu cemitério favorito é naturalmente o Monumentale de Milão, mas também adoro o cemitério de Staglieno e o de Vigevano, uma cidade perto de Milão, famosa na Itália no passado pela presença de inúmeras fábricas de calçados. O meu interesse por este cemitério nasceu porque fiz um estágio no arquivo histórico, com a tarefa de reconstruir a história deste local, dado que ninguém nunca tinha lidado com isso.

E qual o monumento funerário de que mais gosta?

Tenho um gosto um tanto macabro e adoro representações de morte, retratadas com esqueletos perturbadores que vêm levar o falecido. A variedade deste tema na Itália é muito grande e por isso é possível fazer inúmeras comparações entre diferentes cemitérios.



Fotografia de Marco Casiraghii

Para saber mais:

www.percorsidartefuneraria.com

www.ghosttourmilano.com

NOTÍCIA

“AQUI HÁ ROMANOS: MORTE”

No dia 3 de Janeiro de 2024 foi disponibilizado o episódio 9 do podcast *Aqui Há Romanos*, dedicado à Morte, Rituais Fúnebres e Cemitérios.

Nesta edição Sara Gonçalves, chefe da Divisão de Gestão Cemiterial (DGC) da Câmara Municipal de Lisboa, Gisela Monteiro, investigadora da DGC, e Rodrigo Banha da Silva, arqueólogo do Centro de Arqueologia de Lisboa e professor na Universidade NOVA de Lisboa, falam dos comportamentos da comunidade romana perante a morte e ligam os pontos com a atualidade. Será que a forma como ainda hoje homenageamos os nossos mortos tem semelhanças com a época romana?

Aqui Há Romanos é um podcast da *Agenda Cultural de Lisboa* e do CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa. Junta investigadores, arqueólogos, professores e artistas para falar sobre costumes da Roma Antiga que resistem até aos nossos dias. Conta com a colaboração dos parceiros do projeto Lisboa Romana.

texto da *Agenda Cultural*

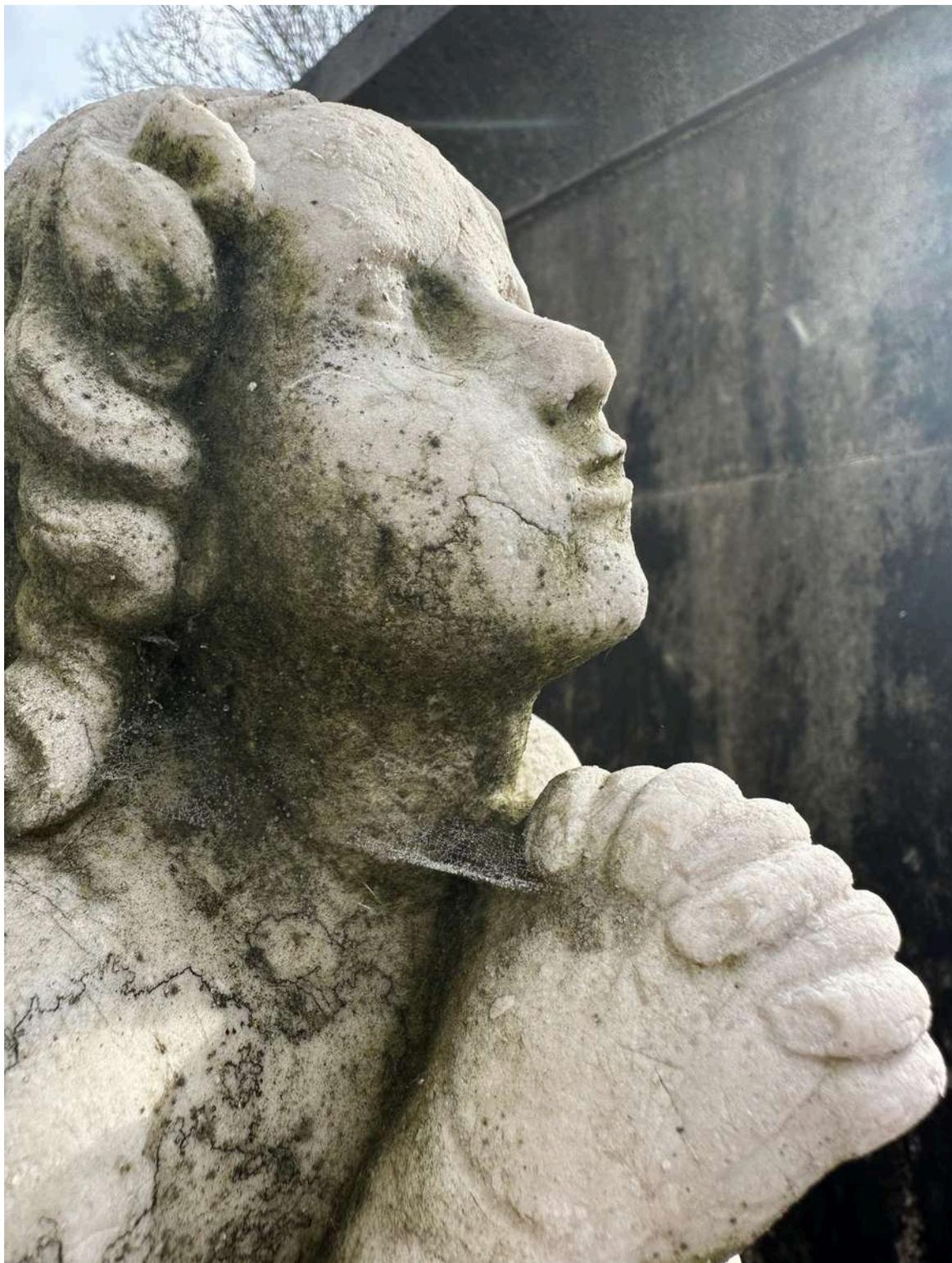


Podem encontrar o podcast em:

www.youtube.com/watch?v=h4yIkIAdvSI

<https://open.spotify.com/episode/63fgFITVU51RvqzBYg3L49?si=JXHwkW0VQeu9oATDIRDQbg&nd=1&dlsi=b128cdd4d15946f8>

<https://podcasts.apple.com/us/podcast/9-morte/id1714256239?i=1000640421640>



JP n.º 497 Cemitério da Ajuda

DESTINOS NA MORTE

Sara Gonçalves

Quando morre uma pessoa próxima somos confrontados com a pergunta: o que faço agora? será que devia optar pela cremação ou pelo enterramento tradicional? ou será que esta pessoa preferia ficar num jazigo daqueles que parecem uma capela? ou num jazigo municipal? Conhecer antecipadamente as opções, discuti-las em família ou entre amigos, é um exercício a que nos devíamos obrigar. Não no sentido de relativizar a morte dos que nos estão próximos, mas para melhor nos prepararmos para ela.

Falar com os outros sobre o que queremos que aconteça ao nosso corpo quando morrermos pode aliviar a carga emocional de quem eventualmente terá de fazer essa escolha e evitar possíveis conflitos familiares, mas pode também ajudar a garantir que os nossos desejos são cumpridos. Pode até acontecer que nos seja indiferente o que façam com o nosso corpo, mas até essa escolha é importante que seja do conhecimento de quem fica.



Cemitério do Alto de S. João

Os destinos que hoje podemos escolher em Lisboa são diversos.

No caso de querermos o ainda chamado enterro tradicional, as opções disponíveis passam pela inumação individual em sepultura temporária, que implica a exumação obrigatória das ossadas decorridos 5 ou mais anos, sendo necessário nessa altura decidir (novamente) que destino dar aos restos mortais, ou pela inumação em sepultura perpétua, onde poderão ser inumados posteriormente outros corpos, ossadas ou cinzas de familiares ou amigos, autorizados pelo concessionário da sepultura.

Desde a fundação dos nossos cemitérios e até ao final do século XX, a inumação em sepultura temporária foi escolhida como destino preferencial. Em 1997, segundo dados estatísticos existentes na Divisão de Gestão Cemiterial, 82% daqueles que ficaram nos cemitérios municipais de Lisboa foram inumados em sepulturas temporárias enquanto apenas 9% foram cremados.



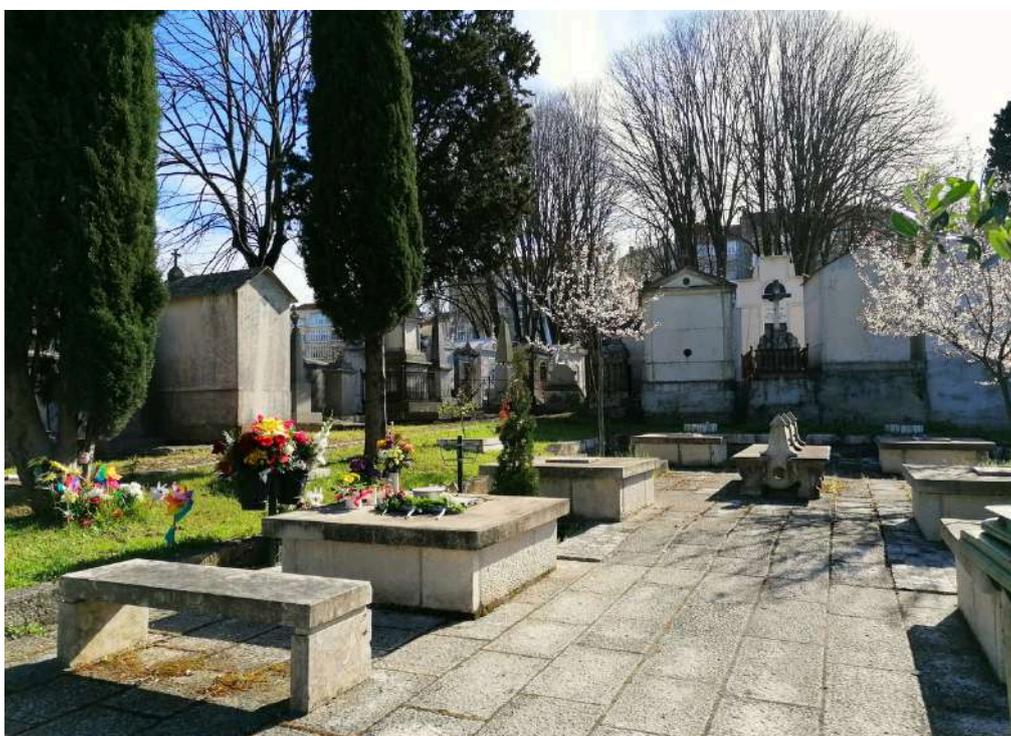
Crematório no Cemitério do Alto de S. João

Em 2023 a cremação representou 60% de todos os funerais, apenas 34,9% escolheu o enterramento tradicional e os restantes 5,1% optaram por destinos particulares. Entre outros fatores, terá contribuído para este aumento da taxa de cremação o facto da Igreja Católica, na sequência do concílio do Vaticano II, ter admitido a realização de exéquias também para aqueles que optassem pela cremação, deixando assim de lado a ideia de que a Igreja proibia a cremação. D. Albino Cleto, Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa em 1992, escreve: *A Igreja Católica aceita hoje a cremação dos corpos, inclusivamente dos cristãos, como claramente se diz no Código de Direito Canónico: "A Igreja recomenda vivamente que se conserve o piedoso costume de sepultar os corpos dos defuntos; mas não proíbe a cremação, a não ser que tenha sido preferida por razões contrárias à doutrina cristã."* (Cân. 1176, § 3) (...) *Quanto à fé na ressurreição, seria ridículo pensar que a cremação lhe levanta dificuldades: para nos dar um corpo ressuscitado, Deus não está dependente nem do pó nem das cinzas.*

Quanto ao que fazer às cinzas resultantes da cremação, refere a legislação em vigor que o destino das cinzas é livre, ou seja, que não precisam de ficar no cemitério. Muitos escolhem ficar com as cinzas em casa ou pôr na terra junto de um local com significado para o falecido, mas importa lembrar que tal como não podemos plantar uma árvore num jardim público que, por exemplo, tem gestão municipal, não podemos colocar as cinzas nesse mesmo jardim. O destino das cinzas é livre, desde que as coloquemos num espaço do qual somos proprietários.

Há ainda outros destinos possíveis: a inumação em jazigo municipal ou em jazigo particular. Em ambos os casos, o corpo é encerrado numa urna de zinco, que por sua vez é encerrada numa urna de madeira. Isto acontece porque a urna vai ficar exposta, ao ar, sendo necessário acautelar que a decomposição se realiza sem causar qualquer risco para a saúde pública.

Os jazigos municipais não são mais do que nichos ou gavetões onde é colocada a urna e apenas são cedidos para efeito de funeral imediato. Os jazigos particulares são aqueles que conhecemos normalmente por jazigos de família ou de capela, apesar de poderem ser de diferentes tipologias como capela, subterrâneo, monumento, etc. Atualmente apenas pode ser adquirida a concessão de jazigos particulares em Hastas Públicas realizadas pela CML, por concessão de lote novo (Cemitério de Carnide), ou por compra entre particulares.



Cemitério do Alto de S. João

Mas em todo o mundo são muitas mais as alternativas. Algumas práticas funerárias são muito antigas e estão hoje quase em desuso, como as Torres do Silêncio Zoroastrianas, das quais resta pelo menos uma ativa, em Mumbai, Índia, em que os corpos são depositados no interior de torres construídas em locais altos para serem consumidos por abutres, ou os rituais indonésios em Tana Toraja, onde o corpo pode passar semanas, meses ou até anos na casa de família, sendo vestido e cuidado, antes de ser colocado em nichos escavados nas rochas e falésias.



Torre do Silêncio



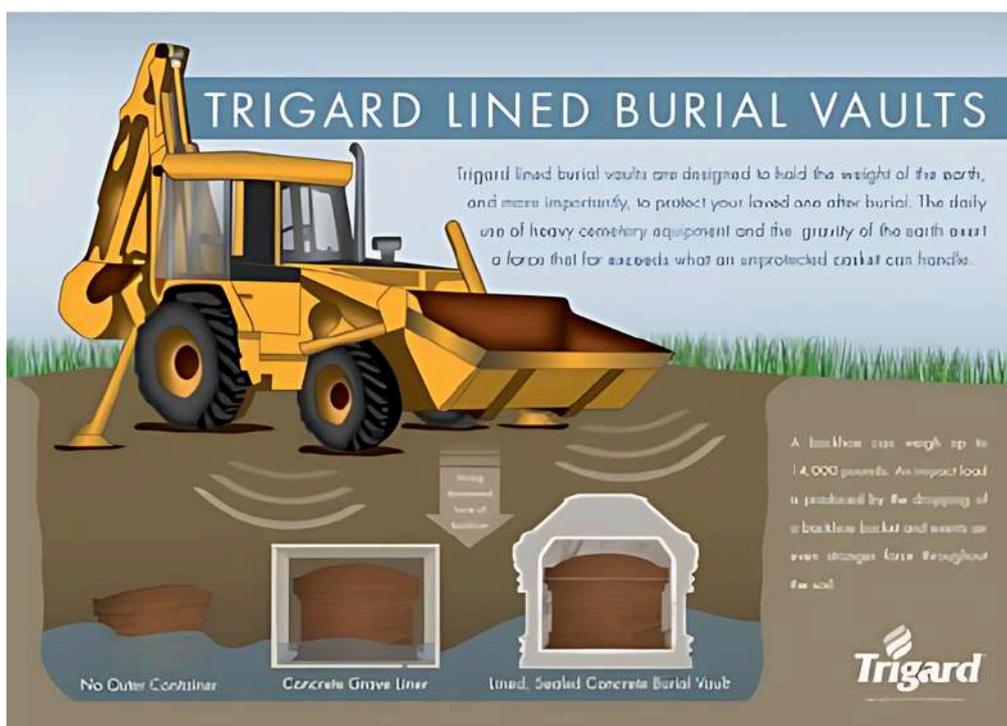
Iemo - Tana Toraja

Na história recente do Ocidente, a forma como encaramos a morte tem vindo a mudar. Depois de se passar por épocas em que a mortalidade, sobretudo a infantil, era muito elevada e em que a morte era encarada como natural, o tema passou a ser visto como tabu, como uma coisa a esconder e sobre a qual se evita falar.

Vivemos atualmente um tempo em que se começa de novo a falar sobre a morte e sobretudo sobre os rituais e práticas a ela associados. Um tempo em que família e amigos se envolvem e personalizam o ritual da despedida e em que nos preocupamos com o impacto da nossa morte nos outros, mas também o seu impacto no ambiente. Talvez tenha sido este último o fator que mais tem contribuído para que nos últimos anos surgissem alternativas ao enterramento tradicional e à cremação.

As preocupações ambientais são hoje globais, mas no contexto cemiterial assumem especial importância nos Estados Unidos pelas práticas atualmente em uso. Segundo dados da The National Funeral Directors Association (NFDA), em 2023 a taxa de cremação foi de 60%. Presume-se que uma das principais causas para este aumento sejam os preços praticados.

Um funeral, dito tradicional, custa nos Estados Unidos em média \$7,848, sem incluir a urna ou taxas de cemitério. É importante perceber que o enterramento é perpétuo, que o corpo é habitualmente embalsamado, a urna é normalmente de metal ou outro material resistente e não é colocada diretamente na terra, mas numa sepultura construída em betão ou alvenaria, por forma a “proteger o ente querido” como mostra o anúncio abaixo.



Fonte: trigard.com

Já a cremação varia de acordo com o serviço escolhido. Uma cremação tal como a realizamos em Portugal, chega em média a \$6,970. Um serviço memorial de cremação, em que a cremação já foi realizada pela funerária e consiste apenas numa despedida na presença da urna com as cinzas custa cerca de \$3.300, e por fim, a cremação directa, sem qualquer memorial custa cerca de \$1.100. O relatório de 2023 da NFDA refere que 42% opta pela cremação directa, 35% pelo serviço memorial e apenas 24% escolhe o serviço completo.

Com base nesta vivência, muitos são os que procuram alternativas mais baratas, em que se humanize a despedida e que sejam ambientalmente mais responsáveis.



Fonte: www.funeralinspirations.co.uk

Em 2011 foi fundada nos Estados Unidos a The Order of the Good Death. O objetivo da Ordem da Boa Morte é levar as pessoas a encararem a morte como parte da vida. Para isso, a Ordem propõe-se a ajudar a enfrentar os medos que associamos à morte para a aceitarmos algo natural, ao contrário da ansiedade e terror que sentimos atualmente. A Ordem tem como lema *construir um fim de vida com significado, amigo do ambiente e equitativo*.

Esta Ordem acabou por se tornar o ponto de encontro e de partilha de conhecimento de muitos dos que procuram alternativas para o fim de vida, arquitetos, investigadores, designers, professores e obviamente profissionais ligados ao setor funerário. www.orderofthegooddeath.com é um dos sites obrigatórios para quem se interessa por este tema e quer conhecer as tendências e opções disponíveis.

Green burial

A necessidade de encontrar locais ou formas de tornar os “funerais verdes” prende-se muito com a realidade americana descrita, em que o corpo é embalsamado e a urna é de material não biodegradável. Basta procurar no Google por “biodegradable green burial caskets” e o que aparece são maioritariamente urnas de madeira, cuja grande mais valia apresentada é não conterem metais ou plástico.

Mas não só nos Estados Unidos existe esta preocupação. Embora ainda muito dependentes de alterações legislativas, por toda a Europa, com principal incidência no Reino Unido e na Europa Central começam a ser criados natural-burial sites. A par da criação destes locais, há atualmente disponíveis no mercado urnas de outros materiais, como cartão, bambu ou outras fibras naturais.



<https://www.thenaturalburialcompany.co.uk/>



Urna de bambu



Urna de cartão

<https://naturalendings.co.uk/>

É importante lembrar que a prática cemiterial comum em todos estes países é de enterramento perpétuo, com as urnas colocadas em espaços construídos, contrária à que temos em Lisboa. Além disso, desde o séc. XIX é proibido o enterramento em locais que não sejam cemitérios públicos e a maioria destes natural-burial sites são em parques naturais. Acresce ainda que para ser possível esta opção, seria necessário sair da cidade.

Algumas destas urnas levantam-nos também algumas questões na operacionalização da exumação. Na prática, a nossa legislação e os funerais realizados em Portugal já vão parcialmente ao encontro destas preocupações, uma vez que apenas se permite a inumação em urnas de madeira e não feitas de metal ou plástico.

Fatos e urnas de cogumelos

Em 2008 a coreana Jae Rhim Lee apresentou uma inovadora alternativa a qualquer tipo de urna: um fato (mortalha) com esporos de cogumelos, ideia que já vinha a trabalhar desde que estudava no MIT.

A ideia é envolver o corpo com uma mortalha biodegradável feita com uma mistura biológica de cogumelos e outros micro-organismos que promovem a decomposição, ajudam a neutralizar as toxinas e fornecem nutrientes às plantas circundantes.

O Infinity Burial Suit, que terá um custo aproximado de \$1.500 é fabricado pela Coeio, existindo inúmeros relatos de funerais com este fato.

www.ted.com/talks/jae_rhim_lee_my_mushroom_burial_suit/transcript?language=pt



www.sciencealert.com/

Mas os cogumelos estão a inspirar outras alternativas.

Na Holanda, Bob Hendriks e Lonneke Westhoff, também no seguimento de um projeto académico, encontraram as suas respostas no micélio, a rede de raízes subterrâneas dos cogumelos e o reciclador da natureza e fundaram a Loop Biotech. Uma empresa que produz aquilo a que chamam o primeiro caixão vivo. O custo do Loop Living Cocoon é de €1.125 mais despesas de envio, podendo ser utilizado em qualquer local, desde que a legislação aplicável o permita.



www.loop-biotech.com/living-cocoon/

Capsula Mundi

A Capsula Mundi é um projeto criado pelos designers italianos Anna Citelli e Raoul Bretzel em 2003, que teve como objetivo criar uma forma de inumação alternativa mais sustentável e amiga do ambiente. O projeto propõe substituir os caixões tradicionais e as urnas de cinzas por cápsulas de enterramento biodegradáveis que podem ser plantadas como uma semente no solo, com uma árvore ou planta crescendo em cima dela.

A cápsula é feita de materiais biodegradáveis, como plásticos à base de amido ou materiais naturais como cânhamo, tem a forma de um ovo e o corpo é colocado na posição fetal.

No site do projeto é explicado que atualmente apenas estão disponíveis cápsulas para colocação de cinzas. Será ainda necessário verificar e testar cápsulas para corpos, ou seja, na prática não passa ainda de uma ideia.



www.capsulamundi.it/en/

Natural Organic Reduction

A Natural Organic Reduction (NOR), ou como é mais conhecida: compostagem humana, é mais um projeto que nasce de um trabalho académico. Durante o seu mestrado em arquitectura, em 2011, a americana Katrina Spade começou a pensar no impacto ambiental do enterro convencional e da cremação. Uma amiga de infância lembrou-lhe que nas quintas de animais, era feita compostagem há muitos anos. Em 2014 funda a Urban Death Project e rodeia-se de especialistas em solos, engenharia e gestão de projetos. Ao longo de anos vão fazendo testes e aperfeiçoando técnicas e finalmente, em 2017, fundam a Recompose. Mas só em 2019 esta técnica foi tornada legal, no estado de Washington, ficando descrita como a *conversão acelerada e contida de restos humanos em solo*.

Depois de estabelecida parceria com o parque Bells Mountains para futura deposição da terra resultante, no Inverno de 2020 foi por fim depositado o primeiro corpo na instalação de Seattle. Em maio de 2024, o Delaware foi o 10º estado a legalizar a NOR.



[When I die, recompose me | Katrina Spade](https://recompose.life/)
<https://recompose.life/>

O corpo é primeiro coberto com materiais naturais como palha e aparas de madeira e é colocado num espaço selado onde, aos poucos, a atividade microbiana inicia a decomposição do cadáver. Esta espécie de cápsula é regularmente rodada e é ejetado oxigénio para o seu interior para promover a atividade microbiana. Passadas oito a doze semanas são retirados todos os materiais não orgânicos (próteses p.ex.) e triturados os ossos que voltam a ser misturados na terra. É então necessário aguardar que a terra seque para que seja possível transportá-la para o seu destino final.

Hidrólise Alcalina

A Hidrólise Alcalina apresenta-se como a “cremação verde”. Também conhecida como Cremação com água ou Aquamation, é um sistema cuja origem remonta a 1888, quando Amos Herbert Hobson descobriu que dissolvendo uma substância alcalina em água, juntando-a a restos de animais, aquecendo e agitando a mistura durante oito a dez horas conseguia obter gelatina, cola e criar fertilizante.

Mais de um século depois, Gordon I. Kaye e Peter B. Weber, do Albany Medical College precisaram de encontrar um destino seguro para animais usados em pesquisas com substâncias radioativas e testaram o método de Amos Hobson com sucesso, patenteando-o em 1994. Venderam o primeiro equipamento em 1995, destinando-se a processamento de restos mortais humanos doados para investigação médica.



[Florida funeral home to employ body dissolving machine](https://bioresponsesolutions.com/)

<https://bioresponsesolutions.com/>

<https://resomation.com/>

Atualmente há diversas empresas a comercializar este equipamento, sendo as mais reconhecidas a Bio-response nos Estados Unidos e a Resomation na Escócia, ambas fundadas por colaboradores da empresa WR2 original.

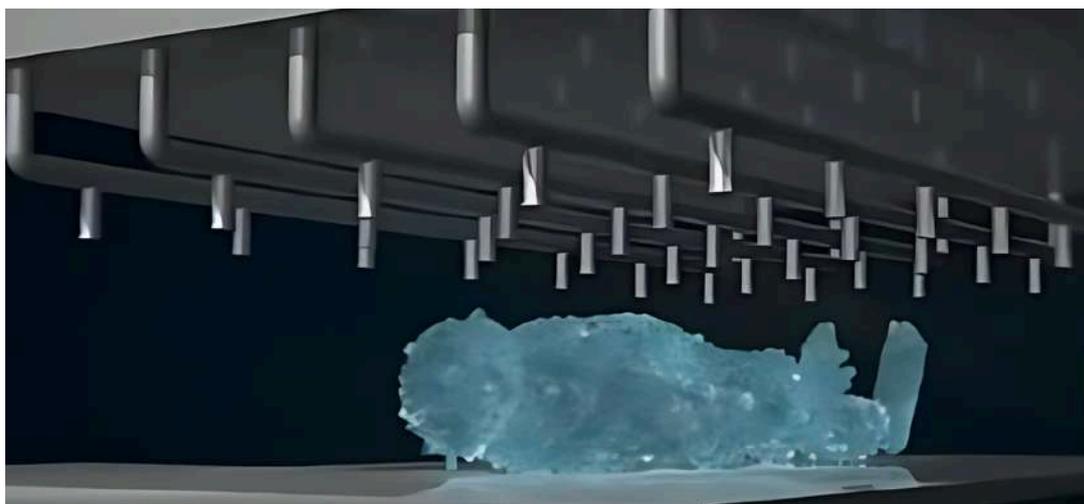
A Hidrólise Alcalina é hoje uma alternativa legalizada em diversos estados nos Estados Unidos da América e em diversos países da Europa e do mundo. Tornou-se ainda mais popular com a opção de Desmond Tutu ser cremado desta forma.

Promession

A ideia de decompor um corpo através de um processo de congelação é da bióloga sueca Susanne Wiigh-Mäsak, que desde os anos 90 tem procurado uma alternativa de enterro mais ecológica.

O processo por ela criado começa com a colocação do corpo numa câmara onde é pulverizado com azoto líquido. Quando está totalmente congelado, a plataforma onde o corpo está assente vibra, provocando a desintegração das células. As partículas são então colocadas numa outra câmara onde a água é removida através de um processo de sublimação. O pó restante corresponde a aproximadamente 30% do peso inicial. São por fim retirados quaisquer elementos não orgânicos como próteses, pacemakers ou outros e o pó é colocado num recipiente biodegradável que é depois enterrado.

Embora diversos sites refiram que este processo já é legal no Reino Unido, Suécia e Coreia do Sul, não foram encontrados documentos que o validem. O processo não passará ainda de um conceito.



<https://promessa.se/>

Retornando à cremação tal como a conhecemos, são inúmeros os destinos disponíveis no mercado, especialmente considerando que o destino das cinzas em Portugal é livre. Desde a transformação das cinzas em diamantes e joias, a empresas que depositam as cinzas em corais ou as levam para o espaço, passando pela criação de eventos pirotécnicos, produção de discos de vinil, utilização das cinzas como pigmento para tatuagens, colocação das cinzas em urnas biodegradáveis para deposição no mar ou em terra, ou até ir espalhando as cinzas guardadas num bastão de caminhada enquanto passeia pelo seu local preferido.

Voltando a centrar na nossa realidade. De todas as possibilidades anteriormente apresentadas, hoje, em Portugal, apenas poderíamos optar pelas referidas no início deste artigo e que estão previstas no decreto-lei 411/98, de 30 de dezembro.

Antes de se implementar qualquer uma das restantes opções será necessária uma alteração legislativa. Algumas destas soluções parecem-nos à partida ideais, alinhadas com os nossos princípios ecológicos, mas há questões práticas, éticas e de sustentabilidade que nos obrigam a uma ampla reflexão.

Os caixões que se encontram à venda de bamboo, vime, folha de banana, pandano, ervas marinhas e outras fibras naturais. O custo de produção destas fibras em quantidade necessária para responder às necessidades seria sustentável? A Capsula Mundi obriga a que cada árvore corresponda a um funeral. Onde há essa área disponível? Em Portugal em 2023 morreram 117 809 pessoas. Na compostagem humana: para onde é levado o metro cúbico de terra resultante? Nem todos temos um terreno privado. Temos parques naturais adequados e suficientes para acomodar toda esta terra? Que uso lhe vai ser dado? Na hidrólise alcalina ou cremação com água: O corpo vai decompor-se na água. Para onde segue essa água? Para uma estação de tratamento? Será razoável gastar 1300/1500 litros de água por cremação num país ciclicamente com falta de água?

Como vão ser os cemitérios do futuro? Vão sequer existir?

S.G.

Para saber mais sobre possíveis destinos de cinzas:

Envio de cinzas para o espaço: www.celestis.com/

Deposição de cinzas no fundo mar: www.eternalreefs.com/

Transformação de cinzas em diamantes: www.algordanza.com.br/

Jóias e urnas ecológicas: <https://sortem.es/> ; www.limboeurope.com/ ; www.thelivingurn.com/

Bastão de caminhada: www.tolad-one.com/us/?trk=article-ssr-frontend-pulse_little-text-block

Espalhar cinzas em fogo de artifício:

<https://heavenlystarsfireworks.com/>

Transformar cinzas num disco de vinil: www.andvinyly.com/?trk=article-ssr-frontend-pulse_little-text-block

Instrução *Ad resurgendum cum Christo* a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação:

www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160815_ad-resurgendum-cum-christo_po.html

Onde conservar as cinzas dos defuntos? Duas respostas do Dicastério para a Doutrina da Fé: www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-12/conservar-cinzas-defuntos-duas-respostas-dicasterio-doutrina-fe.html

**3ª SEMANA
CULTURAL NOS
CEMITÉRIOS** **05
13** **Outubro**

NOTÍCIA

RECUPERAÇÃO DA ESPADA DO CONDE DAS ANTAS

Em 2015 a DGC procedeu a um conjunto de obras de recuperação e manutenção do monumento fúnebre ao militar Francisco Xavier da Silva Pereira, Conde das Antas (1793-1852), herói das lutas Liberais, que se encontra no Cemitério dos Prazeres. O monumento resultou de uma subscrição pública e inclui uma estátua do Conde das Antas, esculpida por Victor Bastos, assente num detalhado pedestal desenhado por Guiseppi Cinatti, onde estão representados elementos da carreira do militar.



Considerando o estado de degradação da urna que continha os restos mortais do Conde das Antas, foi necessário proceder à sua substituição. No processo de exumação da urna de chumbo, encontrou-se no interior uma espada militar do final do séc. XVIII princípio do séc. XIX, em muito mau estado de conservação.

Em Janeiro de 2024 a espada deu entrada no Laboratório de Conservação e Restauro do Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL). Este laboratório da Direção Municipal da Cultura da CML tem como objetivo primordial a salvaguarda do espólio pertencente ao património municipal de Lisboa, no caso da espada cerimonial do Conde das Antas, através da conservação de um objeto metálico.

Enquanto esteve no interior da urna, a peça foi exposta a um processo físico-químico, com interação do chumbo e da cal, assim como a humidade e apodrecimento da madeira do caixão, resultando em produtos de alteração do metal na espada.

No laboratório procedeu-se de acordo com o protocolo habitual:

- Abertura de uma ficha de tratamento, acompanhada com o registo fotográfico;
- Medição da peça, onde ficámos a saber que o seu comprimento é de 95 cm e a parte mais larga (guarda punho) é de 12 cm.
- Elaboração de diagnóstico do estado de conservação verificado, onde se concluiu que a espada apresentava forte oxidação do ferro misturado com depósitos de cal e de terras formando um aglomerado fortemente agredido à peça.

Foi feita uma análise e descrição da peça, verificando-se que o punho tem o suporte em ligas de cobre, constituído por latão e bronze, zona com processo de alteração do metal, resultando em produtos de alteração do cobre (carbonatos e cloretos); constituído também por aplique em osso que se encontra com fissuras e duas pequenas lacunas, assim como manchas de ferrugem e de cobre. Existem dois ganchos (presilhas?) em liga de cobre (bronze), ligadas à bainha fortemente calcinada, que não se move, devido à carbonatação.

Relativamente à bainha e lâmina, não foi imediatamente identificado o tipo de liga, devido à forte camada de concreção, mas posteriormente concluiu-se que a lâmina será de aço.



A bainha de ferro forjado com um reforço lateral no interior contém um veio em latão. O seu estado de conservação é frágil, encontra-se com corrosão (ferrugem), quebradiça com fissuras e percas (lacunas).

Note-se que a identificação dos metais foi determinada pela observação macroscópica, considerando-se igualmente a experiência do técnico. Não foi sujeita a nenhuma análise de peritagem de análise laboratorial.

A fase seguinte foi a do tratamento da peça em que começámos pela limpeza mecânica com equipamento laboratorial de precisão e onde foram utilizadas várias ferramentas: fresas metálicas, discos de carbono para remoção das concreções mais duras, lixa de esmeril em fibra de nylon e de limalha de latão, e ponta de ultrassons, tendo como objetivo alcançar o metal, evitando-se a perca da patine e o destaque da decoração.



Fotografia de Carlos Didelet

Relativamente ao tratamento químico, foi utilizado um produto caustico na tentativa de desembainhar a espada sem danificar a bainha, mas não foi possível devido à sua forte adesão à lamina, sendo só possível a separação de ambas na ponta da espada. Foi utilizado pontualmente um produto à base de ácido, na zona dos metais amarelos, para remoção dos cloretos (verdetes). Seguiu-se a imersão em banhos sucessivos com água desionizada, para a neutralização dos agentes químicos.

No polimento, foram aplicados métodos com lã de bronze fino e de feltros e na consolidação do aplique em osso no punho com cera microcristalina.

Para o preenchimento da lacuna do punho foi utilizada massa sintética reversível e foi aplicada cera de abelha microcristalina por toda a peça, com o objetivo de estabilizar a oxidação.

Finalmente, para garantir o acondicionamento apropriado, foi contruída à medida uma embalagem com materiais em acid-free como suporte para a peça que vai ser preservada em ambiente estável, com nível de humidade controlada da ordem dos 40% a 42%.

Toda a execução do trabalho teve em conta as máximas medidas de segurança de trabalho do operador, com utilização de aspiradores para poeiras e produtos químicos assim como mascarar com viseira e luvas de proteção adequadas.

Foi ponderado a sua condição original em manter o seu valor como antiguidade.



Antes Depois



Fotografias de Carlos Didelet

A espada cerimonial do Conde das Antas será incluída no futuro Núcleo Museológico dos Cemitérios de Lisboa, onde poderá ser admirada por todos.

G.M. & Moisés da Costa Campos (CAL)

NOTÍCIA

ARQUIVO MUNICIPAL: WORKSHOPS COLABORATIVOS

Nos dias 14 e 15 de Março de 2024 realizaram-se no Cemitério dos Prazeres workshops com os colaboradores do Arquivo Municipal sobre os cemitérios de Lisboa.

Estas sessões tiveram como objectivo partilhar a importância dos processos e macroprocessos relativos às obras das construções funerárias existentes nos cemitérios de Lisboa, elementos essenciais para a gestão diária, mas também para o estudo e preservação do património edificado nos nossos cemitérios.

Através destas sessões de trabalho, partilha e articulação entre as duas áreas da CML, procurámos em conjunto melhorar todo o processo, simplificando procedimentos e continuando a trabalhar para aumentar a qualidade da informação.

Foi ainda realizada uma pequena visita no cemitério, apresentando alguns casos de estudo em que a informação existente nos macroprocessos permitiu desvendar os motivos associados às escolhas arquitectónicas e simbólicas dos jazigos ou em que a pesquisa em outras fontes permitiu recuperar documentação essencial ao macroprocesso respectivo.





Cripta dos Combatentes
Fotografias de João Barata

NOTÍCIA

FALAR DE ABRIL NO ALTO DE SÃO JOÃO

No âmbito das actividades de comemoração dos 50 anos do 25 de Abril, a Hemeroteca Municipal da Divisão de Rede de Bibliotecas e a DGC prepararam uma nova visita no Cemitério do Alto de São João dedicada ao tema.

Com o Cemitério do Alto de São João como cenário, a visita *Falar de Abril no Alto de São João* teve como objectivo levar os visitantes a redescobrir o papel de algumas figuras da revolução, os contextos que antecederam o 25 de Abril e as mudanças operadas nos primeiros anos depois de 1974, com o apoio de materiais disponibilizados pela Hemeroteca (notícias, reportagens, entrevistas). Contámos ainda com a colaboração da Liga de Combatentes, tendo sido possível visitar o interior da Cripta dos Combatentes da Grande Guerra.

As visitas decorreram no dia 4 de Maio e contaram com a participação total de mais de 60 pessoas.

Foram disponibilizados folhetos com o percurso e distribuídas reproduções das capas dos principais jornais portugueses do dia 25 de Abril de 1974.



Fotografias de João Barata

"Foi muito interessante englobar na visita a parceria com a Hemeroteca Municipal, fazendo corresponder as publicações da imprensa à data dos acontecimentos com a caracterização dos pontos do itinerário da visita."

- declaração anónima a partir do questionário de satisfação enviado a todos os participantes.



Monumento às Vítimas do 5 de Outubro de 1910
Cemitério do Alto de São João

PEDRAS E OBRAS

Reabilitação de 38 jazigos a cargo da Câmara Municipal de Lisboa no Cemitério dos Prazeres



A maior parte das construções nos Cemitérios Municipais são de concessão privada cabendo ao concessionário o ónus da manutenção periódica.

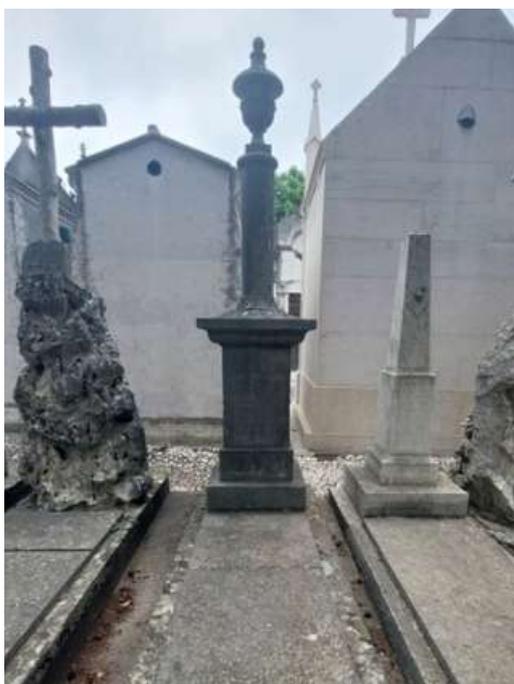
Por motivos tão diversos como doações, testamentos, homenagens ou abandonos, existem várias que são pertença do município com a responsabilidade da manutenção e/ou recuperação.

Uma pequena parte destes últimos foram recuperados numa empreitada que decorreu em 2022/2023, incluindo monumentos a personalidades tão diversas como Bento de Jesus Caraça, Bernardo Santareno, José Cinatti, Jorge de Sena, Eduardo Nery, António Feliciano de Castilho, Luís de Freitas Branco, Cesário Verde, Germano José de Salles, Guilherme Cossoul.

Um dos jazigos recuperado no decorrer desta empreitada foi a construção escolhida para homenagear o artista plástico e pintor Eduardo Nery, no décimo aniversário do seu falecimento, a 2 de março de 2023.

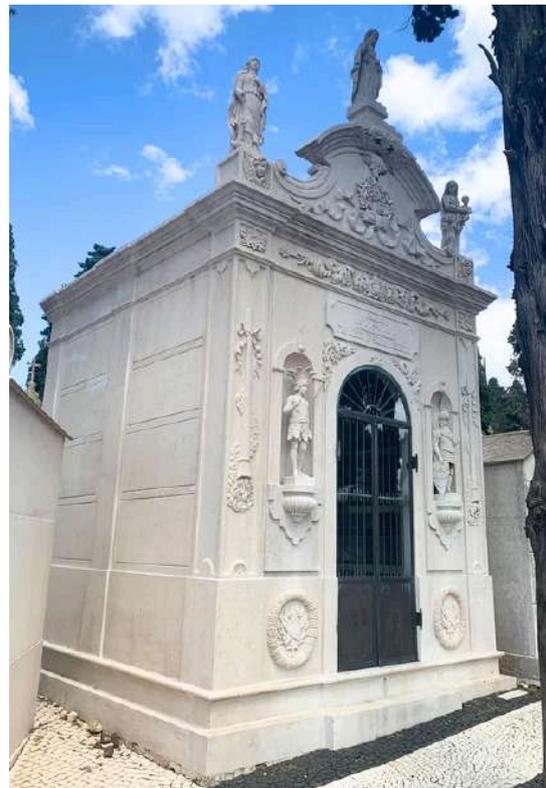
Escolheu-se o n.º 1781, pertença do município desde 1991. Em bom estado de conservação, a construção foi objecto de lavagem com jacto de água, desgravação de epitáfios existentes e revestimento do interior do subterrâneo com cantaria para poder receber a trasladação dos restos mortais.

O epitáfio de homenagem, definido pela família, foi gravado com jacto de areia e pintado posteriormente.



Antes Depois

Existem construções que se destacam pela riqueza dos detalhes, perfeição de escultura ou arquitectura. Foi o caso do jazigo n.º 4674 de inspiração barroca, com a fachada principal repleta de elementos decorativos. Possui porta envidraçada dupla e com verga em arco de volta perfeita, ladeada por dois nichos com uma verga semelhante onde se localizam estátuas uma delas representando um índio alusivo ao facto de o concessionário original ter feito fortuna no Brasil. O cunhais são decorados com tochas invertidas, possuindo um entablamento, com cornija saliente e friso e cimalha decorado com motivos vegetais. Em cima do frontão existem mais 3 estátuas que representam as virtudes teológicas (fé, esperança e caridade).



Antes Depois

A cargo do município desde 2019 apresentava várias fissuras e queda de pedaços de cantaria devido à oxidação de elementos de ligação em ferro.

Com várias peças partidas na cobertura e num dos alçados, a água penetrou no interior do jazigo provocando a proliferação de fungos e líquenes.

A porta, com oxidações e sem fechadura, tinha vidros partidos.
 Depois da montagem de andaimes foi possível reparar e consolidar as fissuras na cobertura e reparar cantarias no alçado lateral.



Antes Depois

A lavagem no exterior foi executada com jacto de água e na interior limpeza por via seca para permitir a preservação das urnas existentes em madeira.



Antes Depois



Antes



Depois



Imperdível, e na posse do município desde 2013, é o jazigo n.º 2948 da família de Germano José de Salles, *construtor do séc. XIX de grande qualidade e capacidade, com formação em ornato e em técnicas artísticas aplicadas, que mais se distinguiu na área das cantarias artísticas, à frente de uma oficina que iria sobreviver mesmo para lá da morte do próprio mestre, em 1902.*¹



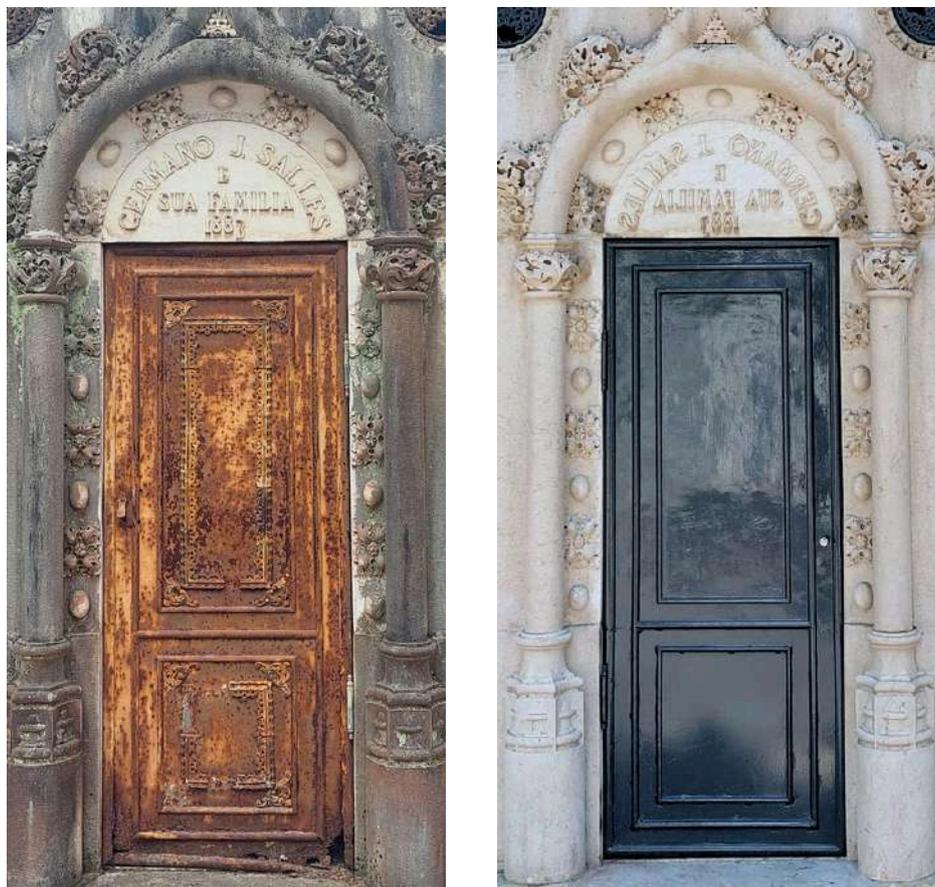
Antes Depois

Jazigo de influências manuelinas, mais longo que os restantes e que aproveita o desnível do terreno na parte posterior para criar um acesso exterior para a cave existente.



Antes Depois

Entrada do subterrâneo



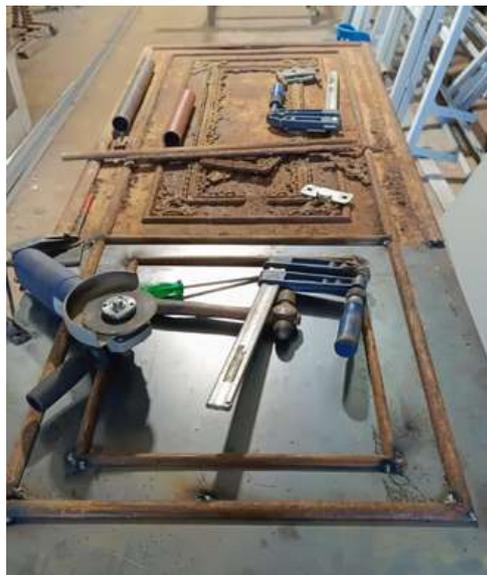
Antes Depois

É composto em torno de uma porta envolvida por um arco simultaneamente de volta perfeita e duplo, pontualmente ornamentado com eflorescências vegetais, lagartos e, pouco habitual em Portugal, a figura mitológica “Homem Verde”. É ladeado por pilastras decoradas e interrompidas por um friso que terminam numa balaustrada ricamente decorada, composta por flores-de-lis.

O seu estado de conservação era razoável apresentando, no entanto, elevada corrosão nos elementos metálicos.

O princípio adotado na recuperação destes monumentos é o da intervenção mínima salvaguardando deste modo a integridade física do objeto original, por isso optámos por não substituir as grelhas de ventilação, mas apenas limpar o existente e pintar.

Na porta principal apenas se conseguiram recuperar as molduras, todos os outros elementos decorativos estavam demasiado danificados. No entanto ainda foi possível detetar a cor original da porta e foi essa a utilizada para os elementos metálicos (porta principal, porta do subterrâneo e grelhas de ventilação).



Fases da recuperação da porta

Todos os outros jazigos recuperados nesta empreitada seguiram os mesmos princípios de intervenção: salvaguardar e recuperar com os mínimos de alteração do original, revestindo-se de um caráter prioritário para o município este tipo de obras pois além de respeitar desígnios de quem entregou à CML o seu jazigo, se mantém viva a memória dos homenageados, a história inerente a cada monumento e aos nossos cemitérios e se preserva património importante.

V. C.

¹ QUEIROZ, Francisco, "Canteiros de Lisboa: construtores do cemitério romântico", *Olisipo*, Série II - n.º 13, Lisboa, 2000, pp. 55-70.



JUNHO 2024 - NÚMERO 03

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE: CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA | DIREÇÃO MUNICIPAL DO AMBIENTE, ESTRUTURA VERDE, CLIMA E ENERGIA | DIVISÃO DE GESTÃO CEMITERIAL
EDIÇÃO: DGC
COORDENAÇÃO: SARA GONÇALVES
PESQUISA, CONTEÚDOS: ELISABETE ROCHA, EMA CÂMARA, GISELA MONTEIRO, LICÍNIO FIDALGO, SÉRGIO PALMEIRO E VENÍLIA CAEIRO
DESIGN: INÊS RIBEIRO

DGC - DIVISÃO DE GESTÃO CEMITERIAL - R. DO RIO ZEZERE 1600-755 LISBOA

PERIODICIDADE: SEMESTRAL | FORMATO: DIGITAL
CAPA: JP N.º 2948 DO CEMITÉRIO DOS PRAZERES